

Escolas do Rio mudam ensino da matemática

Arquivo/21-02-84

REGINA ELEUTÉRIO

A matemática ainda é um **bicho-papão**. Pelo menos para os alunos da rede municipal, que têm, nessa disciplina, seu pior desempenho. O diagnóstico é de um levantamento feito, em novembro do ano passado, pelo Sistema de Avaliação do Ensino Básico (Saeb) do Ministério da Educação e pelo Instituto Nacional de Educação e Pesquisa (Inep), junto a 13.435 alunos de 250 escolas. Nessa auditoria externa — a primeira feita na rede municipal do Rio — a prova de matemática teve o pior resultado: a nota média geral foi 3,64. Com base nessa pesquisa, que avaliou ainda o desempenho dos alunos em português e ciências, a Secretaria Municipal de Educação vai reformular, a partir do ano que vem, todo o currículo das escolas de primeiro grau.

O ensino de matemática está ultrapassado e, muitas vezes, a abordagem é inadequada à idade dos alunos. Basicamente, ensina-se matemática hoje como há 20 anos. O ensino é centrado na memorização e não na formação de conceitos — afirma a secretária municipal de Educação, Regina de Assis.

Prova disso, é que as questões com maior índice de acerto eram aquelas em que o aluno tinha apenas que fazer contas de multiplicação, soma ou divisão. Mas, diante de um problema, cuja solução dependia dessas mesmas

operações, não conseguiam raciocinar e chegar ao resultado. A idéia, com o novo currículo, é levar para a sala de aula problemas concretos do cotidiano das crianças e, dessa forma, introduzir as noções de matemática. A nova metodologia será adotada também nas demais disciplinas.

— O objetivo é que os estudantes, mais do que decorar fórmulas e datas, aprendam a raciocinar e a usar o conhecimento. Queremos que tenham mais senso crítico e estejam conscientes da realidade social e cultural em que vivem — declarou Regina de Assis.

Com base na pesquisa, que teve consultoria do IBGE, a Secretaria pretende detectar a causa do desempenho fraco em determinadas questões de matemática, português ou ciências. O problema pode estar no currículo, na forma de ensinar, ou em métodos inadequados àquela faixa etária.

— Nosso objetivo não é culpar alunos ou professores por esses resultados, mas atualizar nossos métodos de ensino. Para isso, é fundamental que os Governos estadual e federal invistam maciçamente no ensino básico. Somente nos últimos quatro anos, o estado deixou de repassar ao município US\$ 100 milhões do salário-educação. Sozinho, o município não tem condições de pagar melhor aos professores e investir na recuperação e manutenção de escolas — afirmou Regina de Assis.



Professores de português tiveram acesso a novas teorias

Isa Locatelli



Alunos do primeiro grau do município: desempenho ruim em matemática faz município reformular currículo

Pobres órfãs

QUASE um terço das escolas públicas municipais do Rio precisa de obras urgentes, e esse não é o problema mais grave: dezenas de milhares de alunos estão sem aulas por falta de professores.

SEM solução melhor no aparelho estatal, a secretária Regina de Assis pede que empresários, artistas, estudantes e outros adotem escolas.

TODO laço que se estabeleça entre a sociedade e o sistema de ensino é, em princípio, valio-

so. Do mutirão para pintar o prédio à promoção de atividades culturais e de lazer, há muito que a comunidade pode fazer e se sentir bem em fazer.

MAS não há substituição para a tarefa básica do Estado, para a sua obrigação constitucional de dar educação de bom nível a todas as crianças na idade adequada.

NESSE ponto, a melhor ajuda que a comunidade pode fazer não é adotar as órfãs, mas exigir ação dos responsáveis pela orfandade.

Embora permaneçam o dobro do tempo na escola, os alunos dos Cieps tiveram, na média, desempenho inferior ao dos que estudam em horário parcial e têm apenas quatro horas e meia de aula. Em dez comparações, os alunos do Cieps só ganharam em três provas: português da 5ª série e, na 7ª série, em matemática e ciências. Isso apesar de, historicamente, terem tido mais verbas e investimentos maiores em equipamentos e em professores.

Para a secretária municipal de Educação, Regina de Assis, isso mostra que a maior permanência na escola não representou ganhos no aprendizado. Os gastos não se traduziram em me-

lhor aproveitamento dos alunos.

— O aluno do Cieps estava muito solto. Durante quase quatro horas tinha aulas comuns ao currículo básico do município, mas ficava muito tempo sem atividades educativas — declarou.

Com a pesquisa, o projeto pedagógico do Cieps está sendo reformulado. Isso inclui a retomada do estudo dirigido, que prevê revisão das lições do dia após as aulas, e a introdução de oficinas de música, mímica, produção de texto, confecção de jornal e aulas-passeio. O horário parcial é outra novidade: de 50.000 alunos dos Cieps municipais, 10.000 já fizeram essa opção.

	Horário Parcial	Horário Integral
1ª Série		
Português	7,00	6,16
Matemática	5,80	5,38
Ciências	—	—
3ª Série		
Português	5,88	5,03
Matemática	2,79	2,19
Ciências	—	—
5ª Série		
Português	5,06	5,09
Matemática	2,50	2,47
Ciências	4,12	3,75
7ª Série		
Português	5,82	5,74
Matemática	2,70	3,57
Ciências	4,59	4,96

Em português, as melhores médias

Se matemática, para a rede municipal, é sinônimo de problema, português mais parece solução. Foi nessa disciplina que os alunos tiveram seu melhor desempenho, com uma nota média geral de 6,4 nas provas. Para a diretora geral de Educação da Secretaria, Isa Locatelli, o sucesso explica-se porque, há seis anos, o ensino de português passou por uma revolução na rede pública: em vez de muita gramática, enfatiza-se a produção de textos e sua interpretação. O maior acesso à literatura infantil também conta pontos, assim como o uso, pelo professor, de jornais, revistas, TV e vídeos.

— Antes, isso não entrava na escola. Agora, são instrumentos importantes para o aprendizado da língua. O que mudou é que, no ensino de português, principalmente na parte de alfabetiza-

ção, os professores tiveram acesso a novas teorias e publicações. Isso não ocorreu na área de matemática — declarou Isa.

Uma prova do sucesso do novo método é que a primeira série — onde as mudanças foram maiores — foi a que conseguiu médias de acerto mais altas. Os alunos da primeira série conseguiram média 7 em português e 5,8 em matemática. O pior desempenho foi na 5ª série: 5,06 em português; 2,5 em matemática e 4,12 em ciências.

— O problema é que, na 5ª série, o aluno tem que se adaptar a mudanças muito bruscas. Deixa de ter uma única professora e passa a ter quase que uma para cada matéria. As disciplinas são ensinadas de forma estanque, com pouca ou nenhuma interligação. Isso tem que mudar — afirmou Isa.

Piores notas ficam com Zona Oeste

O aprendizado também segue critérios geográficos. Os melhores desempenhos em português, matemática e ciências foram nas áreas de Barra da Tijuca e Jacarepaguá (AP-4). As piores notas concentraram-se na Zona Oeste (AP-5), área onde, historicamente, é maior a carência de professores. Em segundo lugar, ficaram os alunos do Centro e Zona Sul, incluindo a área de Tijuca e Grajaú (APs 1 e 2). A Zona Norte, da Leopoldina à Ilha do Governador (AP-3), ficou em terceiro lugar.

Segundo a Secretaria municipal de Educação, a diferença não foi tão significativa, mostrando que todas as crianças, de baixa renda ou não, têm ca-

pacidade de aprender, desde que a escola tenha competência para se adaptar a elas. Em português, as notas médias variaram de 5,88 na Zona Oeste a 6,42 na Barra da Tijuca. Em matemática, as médias foram, respectivamente, de 3,48 e 3,73. Nas provas de ciências, a vantagem da Barra se manteve: 4,75 contra 4,22.

O maior problema, segundo a Secretaria, refere-se à faixa etária. Os alunos que têm idade adequada à sua série apresentam muito melhor desempenho do que aqueles que estudam em séries muito abaixo de sua faixa etária. Quanto maior a distorção, pior o desempenho:

— Isso mostra que esses alunos precisam de um método novo. Seja porque repetiram ano ou entraram tarde na escola, eles se sentem desestimulados no esquema atual. É preciso despertar o interesse desses alunos — afirmou Lígia Portes, diretora do Departamento de Ação Pedagógica da Secretaria.

Na primeira série, enquanto os alunos de seis ou sete anos conseguiram média de 7,49 em português, os de 12 anos ou mais obtiveram apenas 6,48. Na terceira série, a distância é ainda maior: nota média de 6,3 para os alunos com idade até nove anos e 5,09 para os com mais de 14.